

ESTRUTURA DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

JOAQUIM MATTOSO CAMARA JR.

4ª edição



EDITORA VOZES LIMITADA
Petrópolis, RJ
1973

IV

Sons Vocais Elementares e Fonemas

12 A DIVISÃO mínima na segunda articulação da língua é a dos sons vocais elementares, que podem ser vogais ou consoantes. A divisão resulta de um processo psíquico da parte de quem fala e quem ouve. Na realidade física a emissão vocal é um contínuo, como assinalam quer os aparelhos acústicos, quer os aparelhos de registo articulatório. Já se trata, pois, de uma primeira abstração intuitiva do espírito humano em face da realidade física.

Durante muito tempo, a lingüística se contentou com essa primeira e não-elaborada divisão, cujo estudo se chamou fonética. A partir dos fins do séc. XIX, com o lingüista russo Baudouin de Courtenay (1845-1929), professor sucessivamente na Universidade de Kazan e na Universidade de São Petersburgo (segundo o nome da cidade no tempo dos czares), e nos princípios do séc. XX com o lingüista franco-suíço Ferdinand de Saussure (1859-1913), de quem já falamos aqui, e ainda com o lingüista norte-americano Edward Sapir (1884-1939), a quem também já nos referimos, deu-se mais um passo no sentido da abstração psíquica, e criou-se, ao lado do som vocal elementar, o conceito de fonema, segundo o nome proposto por Baudouin.

Esse conceito parte do princípio doutrinário de que no som vocal elementar o que realmente interessa na comunicação lingüística é um pequeno número de propriedades articulatórias e acústicas, ou traços (ing. *features*) e não todo o conjunto da emissão fônica. Esses traços, ditos distintivos, são os que servem para distinguir numa língua dada uns sons vocais elementares dos outros. Com isso, cada fonema, ou seja, cada conjunto de certos traços distintivos, opõe entre si as formas da língua, que o possuem, em face de outras formas, que não o possuem, ou possuem em seu lugar outro fonema; por exemplo, em português: *ala, vala, vela, vê-la, vila; saco, soco* («tamanco»), *sôco, suco; pelas, belas, melas, delas, nelas, selas, zelas, Chelas* (nome de um convento em Portugal),

gelas, velas, velhas; vala, fala; amo, ano, anho (sinônimo de «carneiro»); e assim por diante.

Daí, a definição do fonema, dada por Jakobson: «as propriedades fônicas concorrentes» (isto é, simultâneas para o ouvido humano) «que se usam numa dada língua para distinguir vocábulos de significação diferente» (Jakobson 1962, 231). Essa definição, dada em 1932, coincide em seu sentido geral com outra de Leonard Bloomfield, formulada um ano mais tarde: «traços distintivos que ocorrem em conjunto ou feixe», como o adendo: «O falante se exercitou em fazer os movimentos» (entenda-se no aparelho fonador) «produtores de som de tal maneira que os traços do fonema estão sempre presentes nas ondas sonoras e também se exercitou a só dar importância a esses traços, não tomando conhecimento da massa acústica que alcança em grosso o seu ouvido» (Bloomfield 1933, 79).

E' claro que o fonema é um conceito da língua oral e não se confunde com a letra, na língua escrita. Nesta, o mesmo fonema pode ser representado com letra diferente, como em port. *aço* e *asso*, *chá* e *xá* (o rei da Pérsia), o sufixo *-esa* (de *portuguêsa*, por exemplo) e *-eza* (por exemplo de *tristeza*) e assim por diante. Se, como acontece nesses casos, a letra diferente serve para distinguir na escrita certos homônimos da língua, ela constitui aí um grafema. Mas isso só acontece por acaso na ortografia oficial de qualquer língua; assim, vimos que já não se distinguem graficamente *essa* «ataíde» e *essa* «demonstrativo feminino» (cf. § 11).

De qualquer maneira, costuma-se distinguir da letra o fonema, pondo este entre barras na transcrição dita «fonêmica» (assim, em português /s/ representa o mesmo fonema tanto em *aço*, como em *asso*, ou em *sala*, ou em *próximo*, que passam a ser transcritos fonemicamente como — /asu/, /sala/, /pro'simu/.

Quando não há a preocupação de indicar o fonema, mas o som vocal elementar, total, em transcrição «fonética», põe-se a representação gráfica entre barras ([...]). Assim, [sau], rimando com *pau* /pau/, ao lado da pronúncia «mais correta» [sal₁]¹ para o que se escreve sempre *sal*.

13 E' claro que, assim entendido, o fonema abrange vários sons vocais elementares. Um ouvido arguto pode percebê-los como diferentes. São as «variantes», ou «alofones» de um fonema. A chave da sua definição está em que a troca de um alofone por outro pode soar

¹ A representação [sal₁] indica um alofone posterior do /l/, determinado em português pela posição posvocálica. Vamos apreciá-lo de espaço no capítulo referente às vogais e consoantes.

«mal» a um ouvido delicado, mas não substitui uma forma da língua por outra. Assim, em português, [sau] e [sal₁] é sempre o mesmo vocábulo. Quando muito, conduzirá a erros e confusões de ortografia, como no Rio de Janeiro fazem muitos alunos das nossas escolas, que escrevem sempre *mau*, para *mau* e para *mal*, porque pronunciam sempre [mau].

Há, aliás, dois tipos muito diferentes de alofones. Um deles depende do ambiente fonético em que o som vocal se encontra. Dá-se uma assimilação aos traços dos outros sons contíguos ou um afrouxamento ou mesmo mudança de articulações em virtude da posição fraca em que o fonema se acha (por exemplo, nas vogais portuguesas, a posição átona, especialmente em sílaba final). Esses alofones, ou variantes do fonema, são ditos posicionais. Já outro tipo é o da variação livre, quando os falantes da língua divergem na articulação do mesmo fonema ou um mesmo falante muda a articulação conforme o registro em que fala. São os alofones ou variantes livres, como sucede em português com o /r/ forte, pronunciado, como vimos, pela maioria dos falantes como um som velar, ou uvular, ou mesmo com uma mera vibração faríngea, e por outros, em minoria, como uma dental múltipla (isto é, resultante de uma série de vibrações da ponta da língua junto aos dentes superiores).

Os alofones posicionais têm muita importância para caracterizar o conjunto de fonemas da língua. Eles dão o sotaque local da nossa fala, distinguindo, por exemplo, o falar do Rio de Janeiro e o de São Paulo, e, até, de maneira geral, a pronúncia brasileira e a portuguesa. Assim, no Rio de Janeiro pronuncia-se /t/ e /d/ diante de /i/ tônico de uma maneira «soprada» (dita «africada»), em contraste com a dental firme que aparece em São Paulo. Em Portugal pronuncia-se /b/, /d/ e /g/, entre vogais, de uma maneira «frouxa» (uma fricativa), que no caso do /b/ o aproxima perigosamente do fonema /v/, e /e/ átono final é enunciado com a língua no centro da boca, apenas ligeiramente elevada, donde resulta um timbre especial, que em transcrição fonética se indica por um *e* invertido ([e]); já, no Rio de Janeiro, se emite francamente um [i].

Entretanto, o grande problema de quem fala uma língua estrangeira não é a rigor a má reprodução dos alofones, mas o de emitir os verdadeiros traços distintivos dos fonemas, sem insinuar, sem sentir os traços distintivos dos fonemas mais ou menos semelhantes da língua materna, às vezes com confusões perturbadoras e cômicas. Por exemplo, a consoante típica inglesa, que a escrita indica por *th*, pode ser pronunciada por um português ou um brasileiro à maneira de /t/ ou de /s/, que também existem como fonemas em inglês, de sorte que a frase — «It is thin» («E' delgado») pode soar como

«*is is tin*» («é uma lata»), ou «*it is sin*» («é um pecado»). E assim por diante.

14 A classificação dos traços distintivos pode ser feita por mais de um critério. Ela pode ser acústica, baseada nas vibrações das ondas sonoras do ar, quando se fala. Também pode ser auditiva, tomando para critério o efeito que o som emitido produz no ouvido humano. E também pode ser articulatória, quando os traços se definem pelos movimentos dos órgãos fonadores quando se fala. Como diferença entre classificação articulatória e classificação auditiva temos, para as consoantes, a sinonímia entre «constritivas» e «fricativas», que a nossa Nomenclatura Gramatical Brasileira não entendeu, fazendo das fricativas uma divisão das constritivas. Na realidade, a constricção é a aproximação muito grande entre dois órgãos fonadores, como para port. /f/ e /v/, em que a arcada dentária superior e o lábio inferior quase se juntam. A fricção, ou atrito, é a impressão que essa constricção produz em nosso ouvido. O nome de «sibilantes» e o de «chiantes», respectivamente, para /s/ — /z/ e /s'/ (x em *eixo*) — /z'/ (j em *jeito*) são também uma classificação auditiva; articulatoriamente costumam ser chamados êsses fonemas constritivos alveolares e palatais, respectivamente.

Modernamente, Roman Jakobson pôs em voga uma classificação essencialmente de base acústica (Jakobson — Halle — Fant, 1952).² Antes fizera uma remodelação da classificação articulatória, que na sua forma tradicional lhe parecia excessivamente fonética, em vez de fonêmica. «Apesar da problemática diversa das duas disciplinas, a fonologia» (isto é, o estudo dos fonemas e, não, dos sons vocais globalmente considerados), «como era natural, chamou a si em seus primeiros passos muita coisa fonética, inteiramente fonética, muita coisa que se enquadra essencialmente na descrição fonética, embora à luz da fonologia deva ser pesada e avaliada... êsses dados» (fonéticos) «têm de ser realmente tratados de maneira fonológica; é preciso não trazer simplesmente para a fonologia o material fonético em seu estado cru, com pele e ossos por assim dizer» (Jakobson 1967, 16/7).

² A classificação definitiva, nesse sentido, de Jakobson vem em Jakobson 1967, 101ss. Não a adotamos aqui por causa da problemática controversa, que envolve, e por me parecer perturbadora nesta altura, ainda pouco avançada, dos estudos lingüísticos em português. Por outro lado, o outro *approach* de Jakobson me parece plenamente satisfatório, além de muito acessível. Note-se que a orientação acústica de Jakobson não é rígida, mas antes maleável em sua nomenclatura: «Não nos interessa substituir uma classificação acústica a outra articulatória, mas tão-somente pôr em evidência os critérios mais produtivos da divisão, válidos para um e outro aspecto do fenômeno fonatório» (Jakobson 1967, 132). Note-se ainda a especial importância que ele dá ao aspecto auditivo: «A experiência auditiva é o único aspecto da mensagem de que o emissor e o receptor participam, visto que normalmente o falante ouve a si mesmo» (Jakobson 1967, 129).

A grande diferença entre o tratamento articulatório dos fonemas de Jakobson e o da fonética tradicional é que ele põe de parte a classificação pelos pontos de articulação na boca (labiais, labiodentais, dentais, alveolares, pré-palatais, médio-palatais, velares). Substitui-a pela classificação baseada no formato da caixa de ressonância que com êsses movimentos articulatórios se cria na boca.

Há uma caixa de ressonância indivisa com a saída voltada para fora (consoantes labiais, *lato-sensu*); onde a língua não atua. Há outra caixa de ressonância, também indivisa, voltada para dentro, com a elevação da língua no fundo da boca (fonemas póstero-linguais, ou digamos, posteriores). E há uma terceira caixa de ressonância, dividida em duas partes, com a elevação da língua no sentido dos dentes, dos alvéolos ou do pré-palato (fonemas ântero-linguais, ou digamos, anteriores). Ele aplica essas oposições para a classificação fonológica das consoantes (Jakobson 1967, 65 ss); mas a divisão entre «anteriores» e «posteriores» também se refere às vogais.

E' esta classificação articulatória original de Jakobson, que utilizamos para o português desde 1948 (Camara 1953) e vamos repetir aqui. Há apenas para ressaltar que em português as vogais posteriores também são «arredondadas», isto é, complementadas por um arredondamento dos lábios, e as anteriores são, em relação aos lábios, não-arredondadas ou distensas.

15 Restam duas observações finais.

Um ex-discípulo de Jakobson, intimamente ligado à escola lingüística de Noam Chomsky, o professor Morris Halle, imaginou só levar em conta em fonologia os traços distintivos acústicos de Jakobson, abandonando a noção de «fonema», como soma ou conjunto de dados traços distintivos. Não vejo vantagem em acompanhá-lo nessa inovação que Chomsky e seus companheiros adotaram com entusiasmo (Halle 1962; idem, 1964).

A diferença entre «vogal» e «consoante», criada pela fonética, continua em fonêmica, ou fonologia, embora um tanto atenuada e até certo ponto reformulada.

Há dois critérios para estabelecer essa diferença.

Um, mais fonético do que propriamente fonêmico, é considerar a vogal como um som, produzido pela ressonância bucal, onde a corrente de ar passou livremente. Ao contrário, na consoante, há a passagem da corrente de ar, seja uma oclusão, ou fechamento, seja, uma constricção, ou apêto, seja uma oclusão parcial que desvia a direção da corrente de ar, ou uma tremulação da língua que imprime uma vibração à corrente de ar. Isso dá para as consoantes:

1) ordem de oclusivas (auditivamente plosivas); 2) constrictivas (auditivamente fricativas); 3) nasais com oclusão ou às vezes constrictão na bôca, mas ressonância plena nas fossas nasais (devido ao abaixamento da úvula, no fundo do véu palatino, e estabelecimento de comunicação entre a bôca e o nariz, 4) laterais, com oclusão num ponto do centro da língua e desvio lateral da corrente de ar, 5) vibrantes, com a vibração rápida ou prolongada da língua, ou da úvula, ou fricção faríngea.

Jakobson vê aí uma divisão tripartida mais simples: I) o traço do vocalismo, próprio das vogais; II) o traço do consonantismo, que caracteriza as consoantes oclusivas, constrictivas e nasais; III) o traço do vocalismo e consonantismo, simultâneos (sonantes), que abarca, como consoantes «líquidas», as laterais e as vibrantes (Jakobson 1967, 124).

O segundo critério é o comportamento do fonema na unidade superior da sílaba. As vogais e as consoantes líquidas ou nasais, mais raramente, podem figurar como centro da sílaba. As consoantes ficam em volta desse centro, como também pode suceder com as nasais e as líquidas.

Não há sílaba sem um centro ou ápice (V). Os elementos marginais (C) podem ser prevocálicos ou posvocálicos. Se há elemento posvocálico, a sílaba é travada ou fechada. Se não o há, a sílaba é livre ou aberta.

Em português, o centro da sílaba é sempre uma vogal. Só algumas consoantes podem ser posvocálicas. E predominam de muito as sílabas livres sobre as travadas.

Toda sílaba tem um centro ou ápice (V)
- dos marginais (C) - posvocálica ou prevocálica
Se há elem. posvocálico, a sílaba é travada ou fechada.
Se não há, a sílaba é livre ou aberta.

V

As Vogais e as Consoantes Portuguêsas

16 CONSIDEREMOS agora o problema descritivo dos fonemas portuguêsês nas suas duas modalidades de vogais e consoantes.

Em referência às vogais, a realidade da língua oral é muito mais complexa do que dá a entender o uso aparentemente simples e regular das cinco letras latinas vogais na escrita. O que há são 7 fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones. Os falantes de língua espanhola têm, em regra, dificuldade de entender o portuguêsês falado, apesar da grande semelhança entre as duas línguas, por causa dessa complexidade em contraste com a relativa simplicidade e consistência do sistema vocálico espanhol. Portuguêsês e brasileiros, ao contrário, acompanham razoavelmente bem o espanhol falado, porque se defrontam com um jôgo de timbres vocálicos menor e menos variável que o seu próprio.

Na sua clássica exposição da pronúncia normal do portuguêsês europeu, Gonçalves Viana procurou cingir rigorosamente a realidade fonética (Viana 1892). Mais tarde, embora já numa época em que se ia impondo a orientação fonêmica na Europa e na América do Norte, Sá Nogueira levou ainda mais longe a subdivisão dos timbres vocálicos. Gonçalves Viana tratou no mesmo plano o que hoje distinguíramos, de um lado, como fonemas, e como variantes posicionais, de outro lado. Sá Nogueira procurou indiscriminadamente destacar e dar status do que ele, como já fizera Gonçalves Viana, chamou «fonemas», compreendendo em sua enumeração, num mesmo plano, variantes posicionais, variantes livres (misturando dialetos sociais e até registros diversos) de par com os verdadeiros fonemas (Nogueira 1938).

No Brasil, o enfoque da língua oral começou com Franco de Sá numa obra que ficou infelizmente fragmentária (Sá 1915). Não vai muito longe no rigor fonético, porque Franco de Sá, um antigo político retirado da vida pública, não era foneticista de formação, como foi Gonçalves Viana e mesmo Sá Nogueira, e além disso não